

# A história se repete? Uma análise comparativa do conceito de repetição em Koselleck e Lacan

## History repeats itself? A comparative analysis repetition concept in Koselleck and Lacan

Danieli Machado Bezerra<sup>1</sup>

**Resumo:** Analisamos a possibilidade comparativa entre as teorias de Lacan e de Koselleck, pois ambos comentam em suas reflexões o conceito de repetição. No *Seminário XI* temos a discussão sobre o *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e dentre eles a repetição, e no *Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semblante*; Koselleck em *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*, na entrevista do livro *História dos conceitos: Debates e perspectivas* e *Histórica y hermenêutica*. Contribuímos para uma introdução acerca da temática dos estudos sobre a história dos conceitos incentivando a reflexão sobre a historiografia como repetição através da psicanálise.

**Palavras-chave:** historiografia, psicanálise, repetição, teoria da história.

**Abstract:** Analyzed the possibility of comparative theories of Lacan and Koselleck, as both commented in his reflections the concept of repetition. In Seminar XI have a discussion about the four fundamental concepts of psychoanalysis and the repetition of them, and Seminar XVIII: In a speech that was not countenance; Koselleck last Future: contributions to the semantics of historic times, in the interview of the book History of concepts: Debates and Historical perspectives and y

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Federal do Amapá (Campus Binacional), Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui formação em Psicanálise pelo Instituto de Clínica Psicanalítica da Escola Brasileira de Psicanálise. E-mail: [danielymb@gmail.com](mailto:danielymb@gmail.com)

hermeneutics. We contribute to an introduction about the theme of studies on the history of concepts by encouraging reflection on the historiography as repetition through psychoanalysis.

**Keywords:** Historiography, Psychoanalysis, Repetition, Theory of History.

Este artigo aponta o que tenho desenvolvido no doutorado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Visa um estudo sobre a história como repetição a partir de algumas obras do historiador Reinhardt Koselleck e do psicanalista francês Jacques Lacan. Ambos os pensadores articulam a linguagem como contribuição para seus estudos. O primeiro enfatiza a discussão sobre a história das idéias e dos conceitos e o segundo, em sua releitura original e fecunda de Freud, introduz conceitos e faz a psicanálise ganhar um novo estatuto paradigmático na contemporaneidade.

Koselleck escreve em um momento de reorientação dos estudos históricos na Alemanha. Após a Segunda Guerra Mundial foi levantada a questão se a historiografia de afirmação de um passado nacional se baseava em temas que se orientavam para a procura dos motivos da catástrofe mundial e a história passa a ser vista como arma para uma crítica da situação presente. Buscou novos métodos sobre o fenômeno histórico e com estudos sobre a semântica política moderna através de análise de obras de historiadores, filósofos, políticos, artistas, ele chega a uma tese principal que foi uma definição de *história como experiência existencial e como dimensão iniludível constitutiva da modernidade* (KOSELLECK, 2006).

Elucidamos aqui a possibilidade comparativa entre as teorias dos autores supracitados, pois ambos comentam em seu *corpus* teórico o conceito de repetição. Em Lacan o *Seminário XI* traz a discussão sobre o *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e dentre eles temos a repetição, o

*Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semblante* e com Koselleck, *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*, a entrevista do livro *História dos conceitos: debates e perspectivas* e *Histórica y hermenéutica*.<sup>2</sup> Marcelo Jasmin em sua apresentação da edição *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* nos indica sobre o conceito de repetição em Koselleck e comenta:

Se as histórias (no plural) guardavam a sabedoria acumulada pelos exemplos do passado para servir de guia à conduta presente, evitando a repetição dos erros e estimulando a reprodução do sucesso, a história (como um singular coletivo) tornou-se uma dimensão inescapável do próprio devir, obrigando toda ação social a assumir horizontes de expectativa futura... (KOSELLECK, 2006, p.132).

Em relação ao pensamento de Koselleck, nessa obra acima citada, nos damos conta que seu objetivo na constituição de uma história dos conceitos não é apenas de tratar de um estudo sobre a semântica de alteração dos significados tradicionais, porém, de uma compreensão das formas que os sujeitos têm de:

Conceber a vida em geral, de imaginar o que nela é possível ou não, assim como o que dela se deve esperar. É este um dos sentidos em

---

<sup>2</sup> Este texto foi extraído do site [www.4shared.com](http://www.4shared.com).

que a história conceitual de Koselleck vai além da pesquisa etimológica ou filológica do conceito<sup>3</sup> (KOSELLECK, 2006, s/p).

A linguagem é de fundamental importância para os estudos dos dois autores, é através dela que o desenvolvimento de qualquer pesquisa torna-se possível. Koselleck nos afirma:

Os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem. Mas nem os acontecimentos nem as experiências se reduzem a articulação linguística (KOSELLECK, 2006, p.268).

Nesse primeiro momento elucidamos o que é a linguagem em cada campo teórico aqui estabelecido para podermos continuar com os argumentos seguintes.

O axioma “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” (1978) faz o ensino de Lacan ser inaugurado com precisão conceitual que avança o que Saussure havia construído em sua teoria sobre a linguística produzindo uma releitura à obra de Freud na qual a psicanálise passa a ter avanços significativos. A visão lacaniana sobre o inconsciente se distancia da percepção biologizante e este passa a ser visto como condição da linguagem.

Assim Lacan definiu o inconsciente: “a partir de Freud, é na cadeia de significantes que em alguma outra parte se repete e insiste em interferir nos

---

<sup>3</sup> Marcelo Jasmin em seu comentário na apresentação do livro *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos* de Koselleck.

cortes que lhe brinda o discurso efetivo e a cogitação que ele informa” (LEITE, 2001).

A linguagem passa a ser sustentada por uma cadeia de significantes e é pensada dentro de uma lógica própria e não mais como uma sucessão de palavras como pensavam os linguistas. Para o psicanalista francês “o inconsciente é um saber posto em situação de verdade, o que não se concebe senão numa estrutura de discurso” (LEITE, 2001).

Com Koselleck que criou a história dos conceitos que proliferou na Alemanha nas décadas de 1950 e 1960, e esta indaga quando determinados conceitos são resultados de um processo de teorização. Para ele, todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também indicativo de algo que se situa para além da língua e que a partir de um fato linguístico é que se pode atuar sobre a realidade de forma concreta. Koselleck nos diz:

Os conceitos não nos instruem apenas sobre o caráter singular de significados passados; a par disso, eles contêm possibilidades estruturais, tratam simultaneidades, as quais não podem ser apreendidas por meio da sequência dos acontecimentos na história... (KOSELLECK, 1992, p.139).

Koselleck nos afirma que “todo conceito só pode enquanto tal ser pensado e falado, expressado uma única vez. O que significa dizer que sua formulação teórico-abstrata relaciona-se a uma situação concreta que é única” (*idem*). Entretanto, isso quer dizer que não é que não possam surgir novos conceitos, articulados a conteúdos, que são produzidos/pensados mesmo que as palavras utilizadas sejam as mesmas. Reinhart utiliza em sua estrutura teórica, a semântica, e diz que o que é decisivo é que o uso pragmático da

língua é sempre único, e o que se repete são estruturas linguísticas semânticas, todavia, esse uso pragmático nos indica que a semântica é fundamental para a comunicação linguística, pois com ela fazemos política, exercemos influência e fazemos revolução e etc. Todos esses usos pragmáticos articulados a uma língua, ou que pela língua são indicados, vivem na verdade de uma semântica que é pré-existente e nos é dada. Como exemplo, nos cita Koselleck, que na Alemanha Oriental, a utilização de expressões como “nós somos um povo” ou “nós somos o povo” vive de uma semântica que pressupõe o conhecimento por cada um do que seja um povo (...) essa expressão pragmática “nós somos um povo” e seu uso político alteraram a situação. Ele salienta que há “o elemento de continuidade semântica” e o fato de que, mesmo quando há a tentativa de explicar algo claramente único, de comunicar uma mensagem única ou um ato de fala único, “um mínimo de consenso sobre o significado das palavras se faz necessário; uma semântica preexistente é necessária. A repetição constitui a *longue durré* da linguagem. A semântica pode ser definida como a possibilidade de repetição” (KOSELLECK, 2006). Temos estruturas linguísticas que se repetem e são necessárias para que o conteúdo seja compreensível, ainda que uma única vez e só podemos ser compreendidos se um mínimo de repetição da semântica estiver pressuposto. Citando Kornmann ele nos indica que a “nossa história contemporânea é uma repetição dos fatos e acontecimentos de alguns milênios – só que em um período de tempo dramaticamente reduzido”, percebemos isso através das estruturas semânticas que os conceitos trazem ao longo do tempo (KOSELLECK, 2006).

A capacidade de repetição dos eventos que para ele são isolados depois de uma infinidade de acontecimentos e podem ser retirados dos arquivos e também são considerados como um conjunto de fatos que possuem uma unidade de sentido possível de serem narrados. O estudo da semântica histórica mostra que todo conceito que faz parte de uma narrativa ou de uma

representação – por exemplo, Estado, democracia, exército, partido, para citar apenas conceitos gerais – torna inteligíveis contextos, precisamente por não reduzi-los à sua singularidade histórica (KOSELLECK, 2006). Há questões nos conceitos que se repetem enfatizando um tempo que não esteja presente nos eventos narrados e isso nos mostra a capacidade que eles têm de retorno, ou seja, de se repetirem, mesmo não fazendo parte de um determinado evento.

Koselleck cita em seu artigo *Representação, evento e estrutura* que “tudo que acontece na Terra é passível de repetir-se, de um ponto de vista estrutural”. Para ele a estrutura é entendida como as circunstâncias que não se organizam segundo a estrita sucessão dos eventos passados, implicam maior duração, estabilidade e alteram-se em prazos mais longos. Para ele:

Existem estruturas que são tão duradouras que permanecem guardadas no inconsciente ou na não-consciência daqueles que a viveram, ou cujas alterações se dão a tão longo prazo que escapam ao conhecimento empírico dos atingidos (KOSELLECK, 2006, p.137).

Concluimos que a história que Reinhart constrói nos indica sobre a possibilidade de repetição dos eventos, e através deles podemos pensar nas possíveis condições estruturais capazes de desencadear algo como um evento análogo a partir das estruturas semânticas formais de retorno e repetibilidade (KOSELLECK, 2006).

Se na história, algo se repete, e Koselleck ressalta as estruturas semânticas que guardam elementos capazes de retorno e repetibilidade, na psicanálise Lacan traz a repetição como sendo um dos conceitos fundamentais de seu ensino; é importante que verifiquemos essa constatação para que possamos

saber onde estão possíveis analogias e homologias entre os conceitos a serem trabalhados nesta proposta de pesquisa.

Para compreender a repetição em Lacan é importante nos situarmos um pouco sobre a repetição em Freud. Em sua clínica, ele se deparava com algo que sempre insistia, incessante em buscar se fazer dizer e que advinha do passado, que não encontrava seu caminho em direção à consciência e que redundava na formação do sintoma. A repetição foi sendo transformada, na trajetória freudiana, de um fenômeno clínico a um conceito de grande importância: a compulsão à repetição.

No texto *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914, Freud enfatiza: “o que nos interessa, acima de tudo, é, naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e com a resistência”. Estando em resistência, o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas o expressa pela atuação ou *acting out*. Repete não como lembrança, mas como ação e sem saber que está repetindo.

No ano de 1920, Freud percebeu que havia algo que se repetia “para além do princípio do prazer” e isso acaba sendo um impasse para avanços em seus estudos sobre a histeria. Deu-se conta de uma espécie de satisfação que se dá no nível da pulsão e que desafia os princípios do prazer e da realidade. E formula o conceito de pulsão de morte que tem relação com o conceito de repetição.

Lacan apresenta a repetição em seu *Seminário XI*. Afirma que a repetição nunca é a repetição do mesmo, há algo novo: “O que se repete é sempre algo que se produz” (LACAN, 1998, p.56) Esse algo não se reproduz, ele produz. O que se repete é o real, que volta sempre ao mesmo lugar em que o sujeito procura e não acha, pois o real não pode ser alcançado nunca. Isso se articula com o gozo que “... encontra sua origem na busca, tão repetitiva

quanto inútil, do momento de satisfação de uma necessidade, que só se constitui como demanda no só-depois da resposta que lhe foi dada” (Lacan, 1998)

Lacan examina na *Física* de Aristóteles dois conceitos acerca da repetição: *tiquê* e *automaton*. A *tiquê* determina-se como o encontro do real que é essencialmente faltoso e que não pode mais se dar a não ser repetindo-se infinitamente. O *automaton* liga-se à pulsão de morte e com a compulsão à repetição de Freud. Trata-se de uma repetição simbólica que não é do mesmo, mas da origem. O real está sempre além do *automaton*, do retorno, da volta, da reprodução (LACAN, 1998).

Para Lacan, a repetição se articula com o subjetivo e relaciona-se com a possibilidade de o sujeito fazer outra coisa com aquilo que, inicialmente, o conduzia ao sintoma. Com o manejo da transferência a repetição faz com que o sujeito dentro de sua singularidade, disponha de algo novo, ou seja, que faça uma ação perante a esse algo que quer repetir em seu sintoma não utilizando uma resposta racional, consciente.

Em relação à história há algo que se repete também. O historiador que utiliza a história dos conceitos lida com uma série de acontecimentos e discursos que se apresentam, ao mesmo tempo, e de maneira contraditória, como únicos e repetidos. “a historia está repleta de estruturas e fenômenos recorrentes” (KOSELLECK, 2006).

Koselleck nos diz que a estrutura da argumentação é repetitiva como no caso da Alemanha supracitado:

Há uma semelhança na argumentação e isso prova que há conexões profundas entre problemas que se formulam e são vividos de maneira diferente, e creio que a semelhança de estruturas vai muito além do

que acostumamos a pensar (...) o historiador como costuma deixar de lado esses temas e dedica-se a estudar acontecimentos concretos, singulares, a partir de fontes singulares e esses documentos não falam do que há de repetitivo em tais acontecimentos, não encontramos as repetições de forma explícita (KOSELLECK, 2006, p.138-139).

Para levar em conta essa discussão acerca das repetições que acontecem nos eventos e nas estruturas o que é preciso analisar é qual a capacidade de inovação existente numa língua que pode ter séculos de antiguidade, e como se produz essa inovação, por exemplo, como consequência das mudanças das estruturas semânticas existentes na língua. E ao abordar essa relação entre antigas estruturas e novos significados, devemos observar a nova semântica introduzida na língua a partir de resultados de novas experiências. Temos que definir, pois, essa relação complexa entre antigas estruturas e novos significados, mas não podemos afirmar que tudo seja novo, pois há algo estrutural na língua que se repete (KOSELLECK, 2006).

É através dos dois autores aqui abordados que propomos pensar a história como fenômeno que se repete. Analisamos essa questão a partir de uma abordagem comparativa porque acreditamos na possibilidade de aplicar e praticar outras aproximações através de perguntas e hipóteses que possam ser respondidas e contrastadas pelos estudiosos da história conceitual e da semântica histórica, por exemplo, Koselleck e por outros estudiosos, como Lacan.

Questionar a história como processo repetitivo é de grande relevância para os estudos históricos, principalmente, por se tratar de um trabalho que leva em conta a discussão com a psicanálise. Alguns historiadores refletiram

sobre a interface teórica entre a psicanálise e a história e as possibilidades de discussão existentes entre elas.

De acordo com Pimenta (2008) em meio às mais consistentes elaborações teóricas acerca daquilo que muitos autores costumam chamar, de forma razoavelmente consensual, como “história dos conceitos”, são freqüentes as referências à possibilidade ou necessidade, imbuídas nesse campo de reflexão e análise, de recorrência a abordagens comparativas.

Estudar conceitos, tomados historicamente como parâmetros dinâmicos de reprodução da vida social e como portadores de densos conteúdos relacionados a formas de representação e transformação do mundo, pode implicar, em alguma medida, comparar conceitos.

Por se tratar de uma questão comparativa sobre a história como repetição e, Koselleck sendo o maior representante da História dos Conceitos concordamos com ele quando nos fala que esta pode ser compreendida e como a reconstrução de determinados conceitos sofrem ao longo do tempo e coloca-se como problemática indagar a partir de quando determinados conceitos são resultados de um processo de teorização (KOSELLECK, 1992).

A História Conceitual diferencia três famílias de conceitos através de níveis de alterações que sofreram com o passar do tempo. Primeiro: temos os conceitos que surgiram na Antiguidade Clássica e que mantiveram seus sentidos mais ou menos constantes desde então e que são apresentados hoje em correspondência com a realidade. Depois, há os conceitos que tiveram várias transformações na história e por último, àqueles conceitos que surgiram em tempos recentes (KOSELLECK, 1985). Mesmo os conceitos passando por transformações ao longo da história, vemos que há algo de repetitivo nisso, Koselleck salienta.

Em relação à base documental, a História dos Conceitos garante a utilização dos textos teóricos, como os de Lacan e de Koselleck como fonte histórica de pesquisa. Koselleck nos indica que há um grupo de fontes que:

Diz respeito àqueles textos que permanecem inalterados no decorrer de suas sucessivas edições: é o caso, por exemplo, da obra de Kant, do texto bíblico, da obra poética, enfim aplica-se aos chamados textos clássicos dos diferentes campos de saber (KOSELLECK, 1992, p. 141).

Levamos em conta também o enfoque metodológico da História Comparada, pois esta pesquisa tem esse viés comparativo. Esta se mostra como um convite para que o historiador repense a própria ciência histórica em seus desafios e limites através de um modo observador sobre a realidade em uma tentativa de conciliar uma reflexão simultânea atenta as semelhanças e diferenças.

É aplicada com este método a prática da “iluminação recíproca” que se propõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum (BARROS, 2007). É importante verificar com essa prática o que esperamos com a comparação e o que poderá ser ou não comparado.

Com a História Comparativa temos as perspectivas comparativas analógicas e homológicas. A primeira faz uma comparação em torno dos *significados* que determinados conceitos e palavras possuem em tempos e lugares específicos. A segunda é um termo que surge na geometria e que designa a relação de elementos que se correspondem ordenadamente em figuras

semelhantes, Lacan o toma da geometria e faz comparações entre discursos no nível das relações entre *significantes*, ponto por ponto, em figuras semelhantes. Nesta pesquisa a homologia e a analogia fazem uma intersecção entre a repetição em Lacan e em Koselleck. Em uma perspectiva analógica os autores possuem diferenças, pois lidam com teorias distintas. Sob a ótica homológica Koselleck se aproxima de Lacan quando diz que a linguagem é produtiva porque indica as mudanças sociais e, por outro, a própria linguagem é um fator essencial que permite tomar consciência dessas mudanças na realidade (KOSELLECK, 2006).

Concluimos que a articulação da história com a psicanálise e vice-versa – ambas lidam com a produção sobre o passado – é de grande contribuição para os estudos da História Comparada porque a psicanálise vem desde o século XIX demonstrando ser um instrumento essencial para a investigação do passado humano e, portanto do histórico.

No escrito *A ciência e a verdade* Lacan nos aponta uma prévia do que elaborou em seu *Seminário XVII* intitulado *O avesso da psicanálise*, com o qual ele nos mostra a elaboração dos quatro discursos que estruturam as relações entre os sujeitos.

A expressão discurso é usada em *Função e campo da palavra e da linguagem* em uma relação com quatro lugares: agente/verdade, outro/produção e quatro termos que são definidos:  $S_1$  (significante mestre),  $S_2$  (saber),  $\$$  (sujeito barrado), (a) (objeto mais-de-gozar). São assim representados:

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow // \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

O primeiro, o agente, organiza a produção discursiva, domina o laço social, ao dar o "tom" ao discurso e possibilitar que haja alteridade. O *outro* é aquele a quem o discurso se dirige. O outro precisa do agente para se constituir. A *produção* é o efeito do discurso, é aquilo que resta. A *verdade* sustenta o discurso, mas é acessível apenas pelo "semi-dito" porque o dizer não é não todo. A verdade não pode ser toda dita, havendo uma interdição (//) entre a produção e a verdade (COELHO, 2006).

Esses termos ao ocuparem esses lugares alternadamente tornam possível o funcionamento dos quatro discursos fundamentais: discurso do mestre, discurso da histórica, discurso do universitário e discurso do analista. Abaixo temos as suas representações gráficas:

U	M	H	A
S2→@	S1→S2	\$ →S1	@ → \$
S1 \$	\$ a	a S2	S2 S1

Nesses discursos encontramos a relação entre causa (agente)/verdade e Lacan nos diz que "para cada causa há uma verdade que a sustenta" (QUINET, 1996). No caso do discurso do mestre:

A causa é o poder e a verdade é o sujeito do desejo. Aqui o que interessa é o poder – tudo pelo poder: ir para o poder, permanecer no poder, voltar ao poder. O poder é a causa do laço social, é o que move o sujeito para subjugar o Outro obtendo dele um produto do

qual o mestre possa usufruir. O objetivo do poder pelo poder é extrair do Outro o objeto de gozo para seu proveito (QUINET, 1996, p.203).

O discurso que nos interessa é o do mestre porque foi com ele que Lacan conseguiu elaborar os outros três discursos a partir da relação dialética entre o senhor e o escravo introduzida por Hegel em *A fenomenologia do espírito*. Lacan discute a ideia de que o escravo se libertará pelo trabalho, e só isso nos importa acerca da obra hegeliana: O trabalho, diz-nos ele, a que se submete o escravo, renunciando ao gozo por medo da morte, será justamente a via pela qual ele realizará a liberdade. Não há engodo mais manifesto politicamente e, ao mesmo tempo, psiquicamente. O gozo é fácil para o escravo e deixará o trabalho na servidão (LACAN, 1998). Esse comentário aponta para as reflexões lacanianas sobre a questão do vínculo social entre os sujeitos.

Os discursos nos mostram as formas de relacionamentos sociais e representam uma estrutura sem palavras, são representados com as fórmulas acima. São modos de uso da linguagem explicando os vínculos sociais, pois é na estrutura significante que o discurso se funda. É a articulação da cadeia significante que produz o discurso (COELHO, 2006). Os quatro discursos são configurações significantes - embora nem tudo seja significante na estrutura do discurso - que se diferenciam e se especificam por sua distribuição espacial. O que está em jogo é aquilo que ordena e regula um vínculo social entre os sujeitos (COELHO, 2006).

O conceito de discurso laciano é articulado em seus quatro discursos no *Seminário XVII*. Para compreendermos o que cada símbolo significa destacamos aqui o que eles representam no pensamento laciano.

Primeiro o sujeito, nomeado por um S maiúsculo traçado por uma barra, \$, que marca seu caráter in substantivo e é condicionado pela articulação da bateria dos significantes. É nesse sentido que ele é sujeito da estrutura clínica. Seu símbolo comporta, em si mesmo, que ele não é substancial e que ele deve aquilo que é, seu ser, à articulação na qual está inserido. É representado pela fórmula  $S \diamond a$  leia-se sujeito barrado em relação ao objeto a. Nesta articulação temos os outros dois termos das formulas que são o S1, S2, a isto se acrescenta, na estrutura que Lacan chamou de discurso, o termo *a*, cuja presença é tão equívoca quanto a do sujeito e está também em um limiar, já que este símbolo indica o produto da articulação, tal como o símbolo de \$ deve designar a hipótese subjetiva da articulação. O *a* é o objeto mais-de-gozar ou a perda de objeto, ou objeto perdido. Lacan extrai isso de Freud e nos faz pensar sobre a articulação desse objeto perdido com o sentido específico da repetição, pois esta tem certa relação com aquilo que, desse saber, é limite – e que se chama gozo (LACAN, 1992).

A perda de objeto é hiância, o buraco aberto em alguma coisa, que não se sabe se é a representação da falta em gozar, que se situa a partir do processo do saber na medida em que ganha ali um acento totalmente diverso, por ser desde então saber escandido pelo significante (LACAN, 1992).

Enfatizamos que o significante, diferente do signo, é aquilo que representa um sujeito para outro significante. Diante das fórmulas apresentadas, o discurso do mestre, ou do senhor (para lembrar Hegel) como também é conhecido, se for reduzido a um único significante, implica que ele representa alguma coisa para outro significante (LACAN, 1992). Essa relação resulta o sujeito barrado e a fórmula  $S1 \rightarrow S2$  esboça o que se trata na bateria dos significantes representando um significante para outro significante.

Em sua teoria dos discursos Lacan nos diz que:

O discurso concebido como estatuto do enunciado, S1 é aquele que deve ser visto como interveniente. Ele intervém em uma bateria significante que não temos direito algum, jamais, de considerar dispersa, de considerar que já não integra a rede do que chama um saber (LACAN, 1992, p.11).

Para ele, Freud introduz o que ele chama de *além do princípio do prazer*, pois isso faz com que a vida se detenha em certo limite em direção ao gozo. “Há uma relação primitiva entre saber e gozo, e é ali que vem se inserir o que surge no momento em que aparece o aparato do que concerne ao significante” (LACAN, 1992). Depois voltamos a esta discussão sobre o saber na psicanálise.

Em se tratando da história e da psicanálise temos duas formas de elaboração sobre o saber, são dois estatutos diferentes. Com Koselleck sua questão sobre a semântica nos orienta para uma discussão sobre o significado. Para Lacan, seu estatuto nos coloca a questão sobre o significante.

Nessa articulação com a produção do saber histórico Koselleck citando o Barão von Eichendorff disse: “um faz a história, outro a escreve”, acredita que existe o agente, aquele que faz, que é responsável, e existe também o outro, aquele que escreve, o historiador. Para Koselleck, que concorda com o Barão, pontuar que a história está disponível sob os dois pontos de vista – o do agente, que dispõe sobre a história que faz, e o do historiador, que sobre ela dispõe quando a escreve (KOSELLECK, 2006). Essa tese levantada aqui nos remete para a discussão acerca do discurso do mestre porque a história produzida nesta perspectiva equivale à fórmula de Lacan S1→S2 no qual a

produção desse saber se constrói nessa relação de um significante para outro de forma ininterrupta, tal como acontece com o discurso do mestre. Neste há uma articulação entre o desejo de um com o desejo do outro, entre a vida e a morte, entre o trabalho e a casa, entre o objeto e o gozo e por que não com a produção da história, como Koselleck abordou ao comentar sobre a frase do Barão?

Ainda sobre a repetição em Freud, esta surge como sendo o gozo, diz Lacan: O gozo necessita da repetição:

Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular a pulsão de morte (LACAN, 1992, p.47).

Aqui não se trata de a repetição apenas ter uma função de ciclos que a vida comporta, tais como o da necessidade e da satisfação, porém de um ciclo que acarreta na desapareição da vida, ou seja, o retorno ao inanimado. A repetição se funda em um retorno do gozo e com ela produz-se algo que é defeito, fracasso (LACAN, 1992).

O que se repete só se repete porque há perda. “Em perda do que quiserem, em perda de velocidade, de força – há algo que é perda. Para Lacan Freud insiste desde a origem, na perda, pois na repetição há desperdício de gozo” (LACAN, 1992).

O que é essa identificação do gozo? Para responder a esta pergunta o *traço unário* nos elucida, pois é um termo que Lacan tira de Freud no texto

*Psicologia das massas e análise do eu.* A identificação se dá com um traço, se dá com um significante e não com a imagem. O que determina a identificação do sujeito é um significante que registra a ausência da falta, chamada por Freud de *traço unário*, e que é o outro Um da psicanálise. No *traço unário* que tem origem tudo o que nos interessa como saber e surge no simbólico, trazida pelo registro da linguagem (LACAN, 1992). Concluímos que o significante articula por representar um sujeito junto a outro significante. É daí que partimos para dar sentido a essa repetição inaugural, na medida em que ela é repetição que visa o gozo (LACAN, 1992).

O saber nos interessa porque é ele que coloca em jogo a incidência da repetição por estar sempre presente desde a origem sendo “o meio do gozo, que ultrapassa os limites impostos, sob o termo de prazer, às tensões usuais da vida” (LACAN, 1992). No lugar da perda de gozo e que a repetição introduz é que vemos surgir a função do (a) (objeto perdido).

Dentre os discursos formulados pela teoria lacaniana o do mestre nos fornece dicas de como podemos compreender a história nessa relação de agente e saber supracitado e quando Koselleck menciona a frase do Barão, pois esse discurso supõe uma identificação do sujeito por meio de um significante-mestre, a história passa a ser pensada a partir de explicações ou categorizações sobre os fatos.

O discurso do mestre tem as seguintes funções:

Significante-mestre → saber

Sujeito

gozo

Para Nestor Vaz em seu texto *Saber e gozo no discurso do mestre*<sup>4</sup> nos afirma que:

O discurso do mestre demarca o próprio limite de nossa civilização, fato assinalado pela antropologia moderna quando separa as sociedades ditas *primitivas* das civilizadas. Por um lado vemos sociedades sem escrita, sem história, cuja rica tradição mítica é herdada oralmente, onde o discurso do mestre não predomina conforme podemos constatar nos trabalhos de Lévy-Strauss e de Pierre Clastres (VAZ, 2010, p.252).

Nesse discurso a partir da relação do S1 a S2, o sujeito fica ligado com todas as ilusões que comporta ao significante-mestre, ao passo que a inserção no gozo se deve ao saber (LACAN, 1992).

O que é esse gozo no discurso do mestre? O significante mestre no lugar do senhor (que seria o sujeito barrado) e do outro lado, o outro significante do saber, trabalha na produção do gozo. Portanto, o significante produz o gozo, que rege, comanda e faz convergir todos os outros significantes. E é isso que mobiliza o discurso da história já que ele se encontra enlaçado por esse discurso que é puro gozo ou puro gozar, tal como acontece com a filosofia.

Partimos da ideia de que a história é um significante-mestre porque a teoria do discurso do mestre laciano com a fórmula  $S1 \rightarrow S2$  representa o significante-mestre para outro significante desencadeando a cadeia dos significantes, cuja cadeia é ininterrupta e, portanto, infinita.

---

<sup>4</sup> Texto encontrado no site <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/040.pdf>, acesso em 14 de setembro de 2010.

Isso nos remete para a questão acerca da cadeia dos significantes porque o que interessa para a psicanálise é o só depois do dito. O dito se inscreve em um dizer que só acontece depois. Para a escrita da história essa fórmula não funciona, seria o seu inverso. Mas como podemos pensar essa coisa que se repete na língua quando Koselleck argumenta que o que se repete são estruturas semânticas? Como articular esse pensamento ao saber que é construído na e pela psicanálise?

Entretanto, Koselleck questiona:

Pode-se perguntar o que pretendem essas análises semânticas? Posso lembrar que os acontecimentos históricos e sua constituição linguística estão entrelaçados. Mas o decurso das ocorrências históricas não coincide simplesmente com a possibilidade de sua elaboração linguística, de tal forma que o acontecimento só apareça em sua compreensão linguística. Entre os dois, pelo contrário, existe uma tensão que se modifica continuamente. Torna-se importante analisar a forma peculiar como os acontecimentos passados são levados a “falar” e como os acontecimentos futuros passam a ser esperados. O que se está realmente falando quando se diz, por exemplo, “que se pode fazer história?” (KOSELLECK, 2006, p.236).

Essa tensão de que fala Koselleck não seria esse caráter repetitivo que sempre faz questão de retornar? Que sempre vem à tona? Qual o sentido da expressão “fazer história”, quem faz a história e quem a escreve?

Faremos uma articulação dessas nossas hipóteses com o discurso do mestre, pois os elementos  $S_1$ ,  $\$$ ,  $S_2$  e  $a$  formariam uma combinatória fechada se não irrompesse algo que surge como perda, perda de gozo que engendra um *mais-de-gozar* a retornar: objeto (a), objeto perdido de Freud porque o

aparecimento desse quarto elemento, (a), nos impede de pensar a repetição como repetição do mesmo e sim como repetição da diferença. Essa coisa que é perdida é sempre nova no dizer do inconsciente mesmo sendo repetida.

Quando nas estruturas semânticas algo se repete, temos aí algo que faz diferença, mesmo repetindo, marca uma diferença de algo que foi e que é. Essa diferença nos importa.

De acordo com o discurso do mestre a história busca, tal como a filosofia, ser um sistema aberto porque o que ela busca não é só constituir um saber, mas avançar na questão dessa verdade que só se desvela lançando um novo véu. O historiador quer ser o mestre da verdade que sustenta seu saber e, portanto, de seu gozo.

Questionamos se a história também teria esse papel de saber sendo mestra da verdade, como elucidou Koselleck em sua *Historia magistrae vitae*. Para a filosofia a relação entre o mestre e o escravo (lembrando Hegel) importa se a lei for mantida em uma ordem estabelecida. E para a história qual é a lei que é questionada quando nos deparamos com uma tentativa de elaboração de seu saber?

Para Lacan:

A história da técnica historiadora mostra que seu progresso se define no ideal de uma identificação da subjetividade do historiador à subjetividade constituinte da historização primária onde se humaniza o evento (...) e que a exemplo da história se dissipa também como uma miragem esse recurso à reação vivida que obseda nossa técnica assim como nossa teoria, pois a historicidade fundamental do evento que retemos basta para conceber a possibilidade de uma reprodução subjetiva do passado no presente (LACAN, 1979, p.151-152).

Confrontamos Koselleck e Lacan. O que buscamos quando necessitamos de “fazer história”? Quais os objetos que são perdidos e ou achados? Perdido porque há objetos que nunca foram inventados e achados porque há invenções sobre temas que sempre vem à tona.

Na psicanálise lacaniana o objeto a não têm representação no significante da demanda, porém pode ser considerado um objeto que representa o desejo para o Outro sendo a causa de seu desejo. No discurso do mestre o objeto a ocupa o lugar da causa que é o poder. Isso nos leva a refletir sobre que poder é esse causado por um saber construído por um sujeito que tem como desejo uma causa de um saber construído a partir de algo que nunca vai ser ocupado, preenchido? Teria essa função do desejo da história em construir um saber que nunca vai dar conta de tapar isso que nos faz desejar sempre? E qual é o desejo que move a escrita da história nesse gozo infinito que é movido pela repetição?

A obra de Koselleck, autor destacado entre os historiadores alemães contemporâneos, recebeu tradução brasileira de poucos de seus livros, e segundo, Marcelo Jasmin e João Feres Júnior em uma entrevista do autor no livro *História dos conceitos: debates e perspectivas* (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.135) “a discussão em torno das possibilidades e das proposições de uma história dos conceitos não tem sido freqüente entre nós”.

Esperamos contribuir para uma introdução acerca da temática dos estudos sobre a história dos conceitos incentivando a reflexão sobre a história como repetição através da linha de raciocínio que utiliza meios alternativos e menos restritos de nossa atuação, como, por exemplo, a psicanálise, um instrumental que faz corte no discurso universitário e do mestre.

Questionamos a escrita da história e como esta pode ser debatida e em que medida permaneceu constante, alterada ou criada de novo nesse processo de repetição abordados pelos pensadores a serem pesquisados.

A partir do século XVIII, velhos termos em uso começaram a tornar-se cada vez mais abstratos em seus significados e, a história, por exemplo, substituiu as narrativas até então descontínuas, transformando-as em singular e contínuas.

Questões sobre conceitos produzem respostas esclarecedoras, portanto a história dos conceitos fornece indicadores de como a história não se desenrola em eventos únicos, mas pode se repetir em estruturas análogas.

Nessa articulação com a psicanálise não existe apenas uma história dos conceitos, mas diferentes perspectivas, abordagens, tradições disciplinares e estudiosos que fazem pesquisas com vários campos nos quais as histórias conceituais podem ser comparadas com fronteiras difusas em relação às outras.

Refletir sobre a história a partir de nosso objeto aqui apresentado nos faz pensar sobre a comparação entre Koselleck e Lacan e a possibilidade de aplicar outras aproximações teóricas, pois o recurso a outras fontes não nos cessam de fazer perguntas e hipóteses que podem ser respondidas e contrastadas por especialistas diversos, partindo da idéia de que nossos preconceitos (diga-se: quando iniciamos nossa discussão com o objeto desta proposta de pesquisa, nos perguntamos se teria relevância e a partir disso, esta foi sendo desenvolvida) foram sendo transformados em hipóteses. A relação entre ambos os autores é pertinente porque a repetição na história pode ser pensada a partir da análise comparativa e onde houver formas diversas e contraditórias em suas teorias aqui serão elucidadas e criticadas.

Por fim, trazemos Lacan com seu texto *Função e campo da fala e da linguagem* que nos faz questionar sobre a contribuição da história para seu *corpus* teórico quando ele cria uma analogia com a história comparando o inconsciente com os aspectos inerentes da pesquisa histórica:

O inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar. A saber:

- *Nos monumentos*: e isso é meu corpo, isto é, o núcleo histórico da neurose onde o sintoma histórico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode sem perda grave, ser destruída;

- *Nos documentos de arquivos* também: e são as recordações de minha infância, impenetráveis como eles, quando eu não conheço a proveniência;

- Na evolução semântica: e isso responde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, como ao estilo de minha vida e a meu caráter;

- *Nas tradições também*, e mesmo nas lendas que sob uma forma heroicizada veiculam minha história;

- *Nos rastros*, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções, necessitadas pela emenda do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e das quais minha exegese restabelecerá o sentido (LACAN, 1978, p.124).

A história necessita desse debate. Koselleck ganha força e passa a configurar um momento no qual a própria história possui transformações em sua estrutura, pois é um processo que há repetições para responder às tentativas de encobrimento de uma realidade possível de ser questionada e escrita. Concluimos com a ideia de que a repetição permite uma reflexão a respeito da história onde o sujeito está necessariamente implicado (GOES, 1999, p. 26).

## Referências

- BARROS, José D'Assunção (2007). *História comparada – um novo modo de ver e fazer a história*. Revista de História Comparada do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Rio de Janeiro. n.1, junho. pp.1-30.
- \_\_\_\_\_. (2004). *O projeto de pesquisa em história*. Petrópolis: Vozes.
- COELHO, Carolina Marra S. *Psicanálise e laço social – uma leitura do seminário XVII*. Revista Mental. n.6, junho.
- FREUD, Sigmund (2008). *Obras completas*. Buenos Aires: El Ateneo.
- GAY, Peter (1989). *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GÓES, Clara de (2008). *Psicanálise e capitalismo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Teresa D'Ávila: A escrita do desejo*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. FAFICH-UFRJ, Rio de Janeiro.
- JASMIN, Marcelo Gantus e F.JÚNIOR, João (2006). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ
- KOSELLECK, Reinhart (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora contraponto/PUC.
- LACAN, Jacques (1998). *O Seminário livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (2009). *O Seminário I: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (2009). *O Seminário VII: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (2009). *O Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1992). *O Seminário XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1978). *Escritos*. São Paulo: Editora perspectiva, 1978.

LEITE, Márcio Peter de Souza (2001). "Inconsciente: o inconsciente está estruturado como uma linguagem" In: *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras. pp.31-42.

QUINET, Antonio (1993). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VAZ, Nestor Lima Lobo. *Saber e gozo no discurso do mestre*. Letra Freudiana - Ano XI-nº 10/11/12. Disponível no site <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/040.pdf>, acesso em 02 de set. 2010.